

DOI: 10.20911/21799024v16n1p127/2025

O anúncio do julgamento em Ap 14,6-13: Uma mensagem de esperança e resistência

Elias Pinto Fernandes¹

Resumo: O artigo realiza uma análise Ap 14,6-13, com o objetivo de evidenciar sua mensagem de esperança e resistência diante dos contextos de opressão enfrentadas comunidade cristã. A perícopes é estruturada em três anúncios feitos pelo anjo e uma exortação final. Cada anúncio revela aspectos do juízo de Deus: a convocação universal à adoração do Criador, a queda de Babilônia — símbolo do império opressor — e a condenação dos adoradores da besta. A exortação final reforça a bem-aventurança dos que permanecem fiéis, mesmo diante da morte, reafirmando a vitória escatológica dos que estão em Cristo. O autor enfatiza que o Apocalipse não é um livro de medo, mas uma mensagem profética que denuncia as forças do mal, revela a ação salvadora de Deus e encoraja os cristãos à fidelidade e à esperança. A leitura deste texto, sobretudo em contextos de crise, convida os fiéis a reconhecerem que a última palavra na história pertence a Deus e não às forças opressoras.

Palavras-chave: Apocalipse. Julgamento. Esperança. Resistência. Fidelidade.

Abstract: This article presents an analysis of Revelation 14:6-13, with the aim of highlighting its message of hope and resistance in the face of the oppression experienced by the Christian community. The pericope is structured into three proclamations delivered by angels and a final exhortation. Each proclamation reveals different aspects of God's judgment: the universal call to worship the Creator, the fall of Babylon — a symbol of the oppressive empire — and the con-

1 Doutor em Teologia Sistemática pela FAJE Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia com apoio da FAPEMIG. Professor de Teologia Sistemática. Email: efpelias@outlook.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-5462-6004>

demnation of those who worship the beast. The final exhortation reinforces the blessedness of those who remain faithful, even in the face of death, reaffirming the eschatological victory of those who are in Christ. The author emphasizes that Revelation is not a book of fear, but a prophetic message that denounces the forces of evil, reveals God's saving action, and encourages Christians to remain faithful and hopeful. Reading this text, especially in times of crisis, invites the faithful to recognize that the final word in history belongs to God, not to the oppressive powers.

Keywords: Revelation. Judgment. Hope. Resistance. Faithfulness.

Introdução

O presente estudo é uma análise introdutória de Ap 14,6-13. Este belíssimo texto anuncia a chegada eminente do juízo de Deus que desmascara a aparente vitória do mal, isto é, na linguagem do Apocalipse, da vitória da besta e de seus adoradores. Sobretudo, o texto exorta os santos e santas à perseverança, e mostra a certeza de que os injustiçados e perseguidos não estão abandonados, mas, em Cristo, estão já estão salvos e compartilham sua sorte.

A partir do método de pesquisa bibliográfica apresentaremos a estrutura da perícópe que, segundo os autores pesquisados, consta de três partes e uma exortação final. Evidenciaremos o conteúdo de cada parte e da exortação. Por fim, mostraremos o Apocalipse como uma mensagem profética que convida à esperança e a fidelidade à cristo e seu projeto.

A partir da perícópe escolhida ressaltaremos a importância, a atualidade e necessidade de estudarmos e meditarmos o texto no período em que vivemos hoje. Particularmente, o tema da esperança cristã, no contexto do Jubileu da Encarnação, com o lema: *peregrinos da Esperança* (Francisco, 2024), se apresenta com grande atualidade e relevância.

1. A perícópe

⁶E vi outro anjo, que voava no alto do céu, anunciando aos habitantes da terra, a toda nação, tribo, língua e povo um evangelho eterno. ⁷Ele clamava com voz forte: "Temei a Deus e dai-lhe glória, porque chegou a hora do seu julgamento. Adorai aquele que fez o céu e a terra, o mar e as fontes das águas".

⁸Um segundo anjo o seguia, dizendo: "Caiu, caiu Babilônia, a grande, aquela que embriagou todas as nações com o vinho do furor de sua prostituição".

⁹E um terceiro anjo os acompanhava, clamando com voz forte: "Se alguém adora a fera e sua estátua e recebe sua marca na fronte ou na mão, ¹⁰esse vai beber também o vinho do furor de Deus, servido sem mistura na taça de sua ira. Será atormentado com fogo e enxofre diante dos santos anjos e do Cordeiro. ¹¹A fumaça de seu tormento subirá pelos séculos dos séculos, e não terão descanso, dia e noite, aqueles que adoram a fera e sua estátua, e quem quer que a marca com o seu nome".

¹²Aqui é preciso a perseverança dos santos, daqueles que guardam os mandamentos de Deus e a fidelidade a Jesus. ¹³Ouvi, então, uma voz vinda do céu que dizia: "Escreve: Bem-aventurados os mortos, os que, desde agora, morrem no Senhor. Sim, diz o Espírito, para que descansem de suas fadigas, pois suas obras os acompanham" (Ap 14,6-13).

2. Estrutura

O anúncio do juízo de Deus, no capítulo 14, vem desmentir o aparente triunfo da besta que simbolizam o império idólatra. O autor recordou que os fiéis estão, desde o presente, em comunhão com o cordeiro; eles formam o povo santo que Deus adquiriu para si e pelo qual vela (v. 1-5). Em contrapartida, segue o julgamento do mundo idólatra, isto é, o império e seus adoradores (v. 6-11). Por fim, uma proclamação final (v. 12-13).

A visão do anúncio julgamento contém três partes. Cada uma delas é apresentada com a proclamação de um anjo. O texto fala, por três vezes, que se trata de outro anjo. No entanto, não devemos apegar a esse detalhe e tentar descobrir qual personagem angélico se trata. Na verdade, a palavra usada significa apenas "um novo anjo (PRIGENT, 2020, p. 442).

Nos versículos 6-7 temos a primeira parte, o primeiro anjo. No versículo 8 a segunda parte, o segundo anjo e nos versículos 9-11 a terceira parte, o terceiro anjo. Por fim, uma exortação, nos versículos 12-13. Cada parte inicia com a visão de um anjo que sequencialmente apresenta uma revelação.

Para Rosas e Richard (2006, p. 358), nos versículos 12 e 13 temos uma exortação. Como em 13,10, o autor exorta à resistência e encoraja os fiéis a permanecerem perseverantes na vida e na missão de serem testemunhas do vivente. Pode-se acrescentar que há uma proclamação final que determina que os cristãos fiéis têm, desde agora, um destino que o juízo não pode colocar em dúvida (PRIGENT, 2020, p. 442).

Embora não encontremos uma secção setenária em 14, 6-13, o autor de Apocalipse apresenta uma relação com as visões dos capítulos 17 e 18. Por exemplo, na proclamação do segundo anjo, "Caiu, caiu Babilônia, a grande" (14,8a), a expressão caiu Babilônia se repete em 18,2, e a expressão, "Babilônia, a grande", se repete em 16,19; 17,5 e 18,2. Os capítulos seguintes ao 14 destinam-se a mostrar o juízo de Deus em seu aspecto duplo: salvação e condenação. (ARENS e DÍAS MATEOS, 2004, p. 228).

Na interpretação de Mesteres (2019, p. 68), João desenrola o roteiro da caminhada. Primeiro ele descreveu sobre o passado (12,1-17), depois sobre o

presente (13,1-14,5), e agora, na parte mais difícil do livro, ele levanta o véu do futuro. Ele começa a descrever como vai terminar a luta que começou lá no paraíso terrestre. Desta forma, temos o anúncio da chegada do julgamento (14,6-7), da queda da Babilônia (14,8) e da derrota final dos adoradores da besta-fera (14,9-11). A condenação do império já está decretada e a certeza disso dá forças ao povo das comunidades para continuar a resistir (14,12-13).

Para Mazzarolo (2010, p. 134), parece melhor colocar o capítulo 14 depois do capítulo 16 uma vez que 15-16 forma uma unidade literária em torno dos anjos que trazem as pragas e as taças do julgamento, situando-se, simetricamente correlatos com o capítulo 10. Por sua vez, o capítulo 14 estaria mais próximo a um conjunto avulso, podendo ser vinculado aos capítulos 17-18, estando simetricamente relacionado com os capítulos 7-9, na fase anterior ao eixo central do texto, que é o capítulo 12.

3. O conteúdo de cada revelação

A mensagem do primeiro anjo que voava no zênite², proclamada a todas as nações e que deve ser ouvida por todo o universo³ é qualificada como evangelho eterno⁴. Assim como a águia voava no ponto mais alto do firmamento (Ap 4,7), aqui é um anjo que voa neste ponto mais alto no contexto solene do juízo (VANNI, 2005, p. 248).

Observa-se na qualificação da mensagem a ausência do artigo, pois o texto fala de um evangelho e não de "o" Evangelho. Prigent (2020, p. 442), acompanhando a observação de Lohmeyer, afirma que o Apocalipse parece empregar as palavras dessa raiz em sentido totalmente neutro: anunciar para o verbo; mensagem de Deus para o substantivo. Com isso, o grande problema de identificação de um Evangelho é diminuído. Trata-se da proclamação de uma mensagem de Deus que tem as seguintes características: eterna, de alcance universal, referente ao juízo.

Essas características precisam ser analisadas em conjunto. Principalmente a primeira, pois é um adjetivo que aparece apenas aqui no apocalipse. Destaca-se que essa mensagem eterna anuncia que o juízo chegou e extrai as consequências disso. Observa-se que essa mensagem é explicitamente de caráter joanino (Jo 3,18; 11,8; 12,31; 16,8). Também que "o Evangelho de João frequentemente emprega a palavra *aión* na falta do adjetivo *aiónios*. Em praticamente todos esses casos a ideia é que a realidade inaugurada pela obra de Cristo é de ordem escatológica. É a irrupção da eternidade de Deus no tempo dos homens" (PRIGENT, 2020, p. 443).

2 Dois sentidos: primeiro, astrológico, é o ponto em que a vertical de um lugar encontra a esfera celeste acima do horizonte. Opõe-se a nadir. O segundo, figurado, corresponde ao ponto mais elevado que se pode atingir; auge, fastígio (MICHAELIS, 2021).

3 Característica universal assim como a profecia da águia das três pragas (Ap 8,13).

4 Trata-se das nações e dos pagãos. Em suma, de todos que não contam entre os fiéis adoradores do cordeiro (PRIGENT, 2020, p. 443).

O evangelho eterno contrasta com a Babilônia, prefigurada no Império Romano, que não é eterna: “caiu Babilônia” (Ap 14, 8). A temporalidade contrasta com a eternidade. “O evangelho do Deus da Criação e do Deus de Jesus Cristo é eterno, mas a força do império, ainda que tenha sido grande, é transitória. Esta relativização do poder da Besta consola e fortalece a coragem dos que são fiéis ao Cordeiro” (MAZZAROLO, 2010, p. 136).

O primeiro anjo proclama: “Temei a Deus e dai-lhe glória, porque chegou a hora do seu julgamento. Adorai aquele que fez o céu e a terra, o mar e as fontes das águas” (Ap 14, 7b).

Temer a Deus, é a atitude exigida a todo ser humano. Essa ideia já apareceu em 11,18. Seria como se dissesse: servi a Deus, aceitai ser contados em seu povo santo. *Render-lhe glória* tem o mesmo sentido, como em 15,4 onde temer ao Senhor é colocado em paralelo com dar-lhe glória.

Portanto, a dupla exortação é um chamado à conversão solene dirigido a todos os povos. A urgência deste chamado é motivada pela *eminência do juízo: chegou a hora*. Em 11,18 já havia anunciado a chegada do juízo. Diversas vezes no Apocalipse essa ideia é afirmada: a salvação foi realizada, Satanás foi vencido, a vitória foi obtida, é a manifestação do reino de Deus e de seu Cristo. *Adorai ao criador*, aquele que fez o céu e a terra⁵, é o caráter específico da adoração exigida. Aos pagãos adoradores de ídolos, aos súditos do império romano que prestavam culto ao imperador, lembra que há um único Deus, o criador do mundo.

O segundo anjo define a mensagem de seu predecessor, por meio de sua mensagem. O primeiro anunciou a atualidade do juízo, isto é, agora. O segundo, descreve o juízo de Babilônia já realizado: *Ela caiu* (v. 8). A frase vem de Is 21,9: “Caiu! caiu Babilônia!”. Por recorrer a um símbolo familiar, o autor não se sente na necessidade de explicá-lo. Um rápido estudo permite identificar Babilônia com Roma (1Pd 5,13⁶). Este simbolismo remete a toda uma tradição profética do AT que vê Babilônia como protótipo do poder hostil a Deus e aos seus. Acrescenta-se que em Apocalipse, Babilônia é adjetivada como a Grande. Esta característica é adequada à capital do Império Romano e origina-se de Dn 4,27: “Não é esta a grande Babilônia que eu construí [...]”.

Babilônia fez todas as nações *beberem do vinho de sua prostituição*. No capítulo 17 ela será chamada de a grande prostituta. A imagem já era tradicional e já foi aplicada a Nínive (Ha 3,4), a Tiro (Is 23,15s) e à própria Sião (Is 1,21). Podemos compreender nesta imagem o sentido constante em apocalipse de prostituição: a idolatria. A metáfora do vinho servido às nações se encontra em Jr 51,7: “Babilônia era uma taça de ouro na mão do SENHOR a embriagar o mundo inteiro”. Trata-se de um vinho que embriaga as nações com a embriaguez da idolatria. Neste mesmo sentido deve ser entendido Ap 17,2. No entanto, há outro sentido para a imagem do vinho derramado: “trata-se do vinho da

5 Essa pregação contra a idolatria é muito comum nas primeiras comunidades. Os cristãos primitivos mostravam que somente Deus merece ser temido e adorado, porquanto unicamente ele é o Criador (Ap 4,11 e At 14,15) (CHAMPLIN, 1980, p. 568).

6 “Saúda vos a Igreja que está em Babilônia, eleita como vós” [...] (1Pd 5,13).

ira de Deus, como em Is 51,17; Jr 25,15; Sl 75,9 etc. Ele atordoa os que serão castigados. É disso que fala nosso autor em Ap 14,10; 16,19; 19,15 (PRIGENT, 2020, p. 445-446)⁷.

O terceiro anjo proclama a mensagem mais importante. O anúncio do julgamento é determinado com a condenação de Babilônia, e por consequência, seus adoradores. A idolatria parecia reinar sem contestação exercendo uma dominação universal através da sedução (13,15s). Mas, Deus conseguiu para si um povo santo (14,1-5) e o julgamento atinge os adoradores da Besta. Por isso o v. 9 retoma palavras e imagens empregadas no capítulo 13.

A mensagem conta de informações importantes: quem adora a besta receberá sua marca na fronte ou na mão e beberá o *vinho do furor de Deus, servido sem mistura na taça de sua ira*⁸, *será atormentado com fogo e enxofre diante dos santos anjos e do cordeiro* (v. 9-11).

Sobre o vinho, *vide* comentário ao v. 8. Acrescenta-se que o vinho será preparado⁹, puro e sem acréscimo de água. Os tormentos no fogo e enxofre¹⁰ advém de duas tradições: a punição exemplar das cidades ímpias, Sodoma e Gomorra (Gn 19,24; Dt 29,22s; Lc 17,29) e o complexo de crenças judaicas, posteriormente cristãs, relativas às punições últimas. Observa-se que enquanto os apocalipses judaicos descrevem os suplícios infernais, o Apocalipse é mais discreto. Ele apenas evoca a intervenção de Deus contra a idolatria. O texto apresenta as imagens do fogo e enxofre como aniquilação da besta, do diabo e do falso profeta (19,20;20,10). Pode-se concluir que o “enxofre e o fogo remetem, pois, à ação decisiva por meio da qual Deus obtém a vitória sobre esses inimigos” (PRIGENT, 2020, p. 448). Essa vitória tem sempre um caráter cristocêntrico, pois, em Cristo o julgamento já foi dado e seus fiéis não precisam temer a segunda morte, identificada com o fogo e o enxofre (20,14, 21,8).

Diante dos santos anjos e diante do Cordeiro. O judaísmo afirma que os justos assistirão à punição dos ímpios. Aqui, os espectadores são os anjos e o cordeiro. O objetivo não é apresentar a crueldade da punição, mas mostrar uma surpreendente subversão. Os adoradores da Besta são os poderosos do momento que exercem seu poder com tirania cruel e temível. Para o Apocalipse, eles já estão condenados e purgam sua pena, enquanto o cordeiro se apresenta em meio aos seus. Pode-se dizer, por fim, que imagem da fumaça eterna do v. 11 lembra Is 34,10.

7 Arens e Días Mateos compartilham desta mesma ideia acrescentando que além da bandeira do poder e da idolatria e da ira de Deus, João poderia estar se referindo à violência que os imperadores praticavam contra seus súditos (ARENS e DÍAS MATEOS, 2004, p. 228).

8 A “cólera” ou “ira” de Deus não é uma emoção forte, e, sim, um termo técnico para indicar julgamento (CHAMPLIN, 1980, p. 568).

9 Era costume misturar/preparar o vinho misturando aromas. Tanto que o verbo *Kerannymi* e seus derivado (Is 19,4) perdeu seu significado de misturar para apresentar, derramar. Portanto, o vinho misturado sem mistura significa preparado e servido (PRIGENT, 2020, p. 447).

10 Enxofre: A palavra heb. se relaciona com *gopher*, uma madeira resinosa que se usou na construção da arca. Geralmente se conecta com juízo, como quando o Senhor fez chover enxofre e fogo sobre Sodoma e Gomorra (AZUFRE. in: TENNEY, J.D. Douglas, Merrill C, *Diccionario Biblico*. Editorial Mundo Hispano, 2003).

4. Exortação à perseverança e à esperança

No v. 12, nosso autor interrompe a descrição de suas visões para dirigir-se aos seus leitores diretamente dizendo que é preciso a perseverança dos santos e santas, daqueles que guardam os mandamentos de Deus e a fidelidade a Cristo. Esse procedimento, relativamente frequente e de caráter repentino¹¹ (Ap 13,10.18; 14,13; 17,9), não atrapalha o ordenamento das visões. Na verdade, elas mostram bem o que na verdade são as descrições do livro. Estas não apresentam pinturas atentas do extraordinário, ou afrescos destinados unicamente a desvelar os segredos da história do mundo, mas procuram dirigir-se aos cristãos da época para revelar-lhes o que acontece com eles, para eles e neles. *"Nada é gratuito ou desencarnado nessa apocalíptica: em cada linha trata-se da existência concreta das pessoas"* (PRIGENT, 2020, p. 449, *italico nosso*).

Após a exortação do v. 12, aparece uma voz do céu no v.13 para autenticá-la, motivá-la e complementá-la. Esta voz se torna muito importante pelo contexto. Depois do anúncio dos perigos enfrentados pelos cristãos diante a tirânica dominação da besta, do convite à perseverança, o v. 13 acrescenta que essa perseverança perigosa é mais aconselhável porque a morte do cristão não é uma aniquilação, mas a porta que abre para a bem-aventurança prometida: *bem-aventurados os mortos*.

Surge e questão: quem são estes mortos? Os mortos, nem sempre são defuntos na teologia Bíblica. Todos que falecem se encontram no reino dos mortos, mas nem todos tem a mesma sorte no julgamento. Há duas formas de morrer: em Cristo e no pecado. Os que morrem no Senhor, apenas descansa de suas fadigas. Os mortos são aqueles que morreram para alguma coisa: para o pecado (Rm 6,11; Ef 2,1.5; Cl 2,13); em função da vida futura (Hb 6,1.9.14); para a Lei (Rm 7,8). Os que morreram no Senhor, o Espírito declara-os bem-aventurados, pois esses têm crédito pelas suas fadigas, por lavarem suas vestes no testemunho e na fidelidade ao Evangelho (MAZZARLLO, 2010, p. 137-138).

Neste sentido, observa-se que o contexto aconselha uma leitura martirológica. No entanto, Prigent (2020, p. 450) afirma com Bousset que o texto enuncia uma verdade geral que se verifica, primeiramente com os mártires. Deste modo, *ap'árti*, a partir de agora, desde agora, deve ser entendido não em relação à perseguição ameaçadora, mas à nova era inaugurada por Cristo. Desde a ressurreição de Cristo estamos no agora, caracterizado pela morte de satanás: "Agora chegou a salvação, o poder, o reino do nosso Deus e a autoridade do seu Cristo, porque foi expulso o acusador dos nossos irmãos [...]" (Ap, 12,10).

Prigent (2020, p. 450) acrescenta com Lohmeyer que quando o Espírito fala, como aqui no Apocalipse, sua mensagem é dirigida ao presente dos cristãos:

"Não se poderia definir melhor o papel da inspiração profética para nosso autor do que falando da revelação feita sobre o presente escatológico dos

11 Alguns autores vêm aqui uma adição (AUNE, 1998, p. 798) No entanto, para Prigent (2020, p. 449), os versículos 12-13 interrompem o fio da narrativa, eles na verdade fazem um comentário tipicamente joanino.

cristãos em Jesus Cristo. Sede fiéis com coragem, diz nosso texto, pois vossa vida presente se abre para a eternidade” (PRIGENT, 2020, p. 451).

Os que morrem em Cristo, repousam de suas fadigas, pois suas obras os acompanham. A ideia de repouso acompanha Ap 6,11: “Então foi dada a cada um deles uma veste branca e foi-lhes dito *que repousassem mais um pouco de tempo*, até se completar o número dos seus companheiros e irmãos, que iriam ser mortos como eles” (Ap 6,11, *italico nosso*). As obras, no Apocalipse, significam tudo que engloba a existência cristã (Ap 2,2.19). Portanto, na linguagem de Apocalipse, na comunhão com Cristo que é traduzida pelas obras, o cristão é um vencedor. A morte não pode ir contra essa vida eterna cujos sinais já são visíveis. O cristão, após sua morte, não entra em um universo totalmente distinto onde os valores são diferentes, mas suas obras os acompanham (PRIGENT, 2020, p. 451-52).

5. Apocalipse: uma mensagem de esperança e resistência

O livro Apocalipse é uma revelação de Jesus Cristo, conforme sua solene proclamação inicial (Ap 1,1). O assunto revelado é a situação do povo e da comunidade. O povo já não entendia a situação de perseguição por parte do império: “Até quando, Senhor?” (Ap 6,10). Parecia que quem mandava no mundo era o Império Romano e Deus parecia ter perdido o controle da situação. O livro foi escrito, por ordem de Deus (1,11.19), como resposta do próprio Deus à esta situação de aflição e de perseguição do povo, das comunidades, e para esclarecer a situação do povo à luz da fé. Deus revela ao povo seu plano de salvação etapa por etapa.

Para enxergar a ação de Deus, o povo precisa escutar e praticar a Palavra de Deus que João lhes transmite (1,3). O livro de Apocalipse é uma boa nova para as comunidades em todos os tempos:

“Dentro do tempo da história, marcado pelas perseguições, existe o tempo de Deus, a hora de Deus, o plano de Deus. Este plano entrou na sua fase final. Esgotou-se o prazo. Deus está para chegar! Ele vai mudar a situação e libertar o seu povo! O Apocalipse vai tirando o véu, para que o povo descubra, dentro dos acontecimentos da perseguição, a Boa Nova da chegada de Deus que vem para libertar” (MESTERS, 2019, p. 14)!

O Apocalipse, antes de tudo, é uma mensagem de conforto e de esperança para um povo em crise, ameaçado em sua fé por causa das perseguições e das mudanças. O livro quer ajudar as pessoas a se encontrarem novamente com Deus, com a missão e consigo mesmo. Ainda mais, quer animar o povo convencendo-o a não desistir da luta e armá-lo para as batalhas. Por isso, qualquer interpretação do Apocalipse feita para impor medo¹², aumentar o desânimo é errada e completamente falsa (MESTERS, 2019, p. 14).

12 Vale lembrar o testemunho de Scott Hahn, que quando escreveu o livro O Banquete do Cordeiro, estava estudando o Apocalipse por mais de 20 anos: “Parece mesmo fantástico para os católicos, porque, durante muitos anos, lemos esse livro [Apocalipse] separadamente da tradição cristã. As interpretações que a maioria das pessoas conhecem são as que

O anúncio do julgamento mostra muito bem o agora da salvação de Deus. Desmascara a aparente vitória da besta e seus adoradores. Mostra o tempo de Deus, a vitória dos que estão em Cristo e que a dominação, as perseguições neste mundo são passageiras. O livro revela a própria realidade da pessoa e das comunidades dos seguidores de Jesus. Mostra-lhes que não estão sozinhos, a presente salvação de Deus e a aniquilação do mal. Portanto, é uma mensagem de perseverança na fidelidade, e esperança na ação de Deus.

Na realidade atual o livro do apocalipse tem muito a nos iluminar. Precisamos vencer o medo de lê-lo e decifrar sua linguagem simbólica para mergulharmos em seu conteúdo profético e rico em encorajamento e em esperança. O julgamento de Deus, a realização de sua salvação, é subversiva e está do lado dos pobres, sofredores e desfavorecidos. O juízo de Deus coloca em crise a lógica de opressão deste mundo. Ressaltamos de modo fundamental que Deus e o seu pano redentor tem a última palavra na história, e não o mal e a desumanização do ser humano.

Conclusão

O anúncio do julgamento da besta, o império idólatra, e seus adoradores (Ap 14,6-13) desmascara as forças aparentemente vitoriosas do mal. De modo fundamental, a perícopes ressalta que os cristãos fiéis, que estão em comunhão com Cristo, participam do mesmo fim de d'Ele, e possuem um destino que o juízo não coloca em dúvida, mas o coroa. Isso é motivo de esperança e de força para a caminhada dos cristãos.

O apocalipse revela o plano salvador de Deus, a eliminação do mal pela raiz. Também revela as mazelas da estruturação do mal na sociedade. Portanto, o livro é uma força profética e, ao mesmo tempo, um convite à fidelidade e à esperança. A perícopes estudada mostrou exatamente o poder eterno salvador de Deus e a finitude do mal. Portanto, precisamos vencer as leituras superficiais do apocalipse que muitas vezes falam do extraordinário e do "fim do mundo" com o objetivo e impor medo nas pessoas, e entrar em seu sentido mais profundo que muito pode iluminar nossas comunidades cristãs nos dias de hoje desmascarando as mazelas do mal.

Referências

ARENS, Eduardo; DÍAZ MATEOS, Manuel. *O Apocalipse a força da esperança: estudo, leitura e comentário*. São Paulo: Loyola, 2004. 381 p.

AUNE, David E. *Revelation 6-16*. Grand Rapids: Zondervan, 1998 (Word biblical commentary; 52B)

chegaram às manchetes de jornal ou às listas de best-sellers e as que são esmagadoramente protestantes. Sei disso por experiência. Estudei o livro do Apocalipse por mais de vinte anos. Até 1985, eu o fiz como ministro protestante, e durante todos esses anos vi-me envolvido, alternativamente, pela maioria das teorias interpretativas que estivessem ou não na moda (HAHN, 2014, p. 22)".

CHAMPLIN, Russell Norman. *O Novo Testamento interpretado: versículo por versículo*, Tiago, I Pedro, II Pedro, I João, II João, III João, Judas, Apocalipse. São Paulo: Milenium, 1980. 666 p.

FRANCISCO. *Spes non confundit*: bula de proclamação do jubileu ordinário do ano 2025. Roma: 9 maio 2024. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/bulls/documents/20240509_spes-non-confundit_bolla-giubileo2025.html Acesso em: 01 jun. 2025.

MESTERS, Carlos. *Esperança de um povo que luta: o Apocalipse de São João*. 23. ed. São Paulo: Paulus, 2019. 81 p. (Por trás das palavras).

MICHAELIS. *Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa*. Disponível em: <<https://michaelis.uol.com.br>>. Acesso: 10 nov. 2021.

PRIGENT, Pierre. *O Apocalipse de São João*. 2. ed., rev. e atual. São Paulo: Loyola, 2020. 659 p. (Biblica Loyola ; 78).

ROSAS, Ricardo López e RICHARD, Pablo. *Evangelio Y Apocalipsis de San Juan*. Navarra: Verbo Divino, 2006.

TENNEY, J.D. Douglas, Merrill C, *Diccionario Biblico*. Editorial Mundo Hispano, 2003

VANNI, Ugo. *Lectura del Apocalipsis: hermenéutica, exégesis, teología*. Navarra: Verbo Divino, 2005.